

# MISSIO DEI: A MISSÃO DE DEUS PARA A TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO ATRAVÉS DE MIM E DA COMUNIDADE CRISTÃ

*Missio Dei: God's mission to the world transformation through  
me and the christian community<sup>1</sup>*

Josemar Valdir Modes<sup>2</sup>

Merlise dos Santos<sup>3</sup>

## RESUMO

A presente pesquisa trata da missão de cada um, como consequência da missão da igreja, apoiada na ordem de Jesus de anunciar o Evangelho a todas as nações e promover Seu Reino de justiça e de paz. O propósito de Deus ao instituir a igreja no mundo, como testemunha viva do seu amor, é justificado pela palavra missão. Fazer missões é compreender o compromisso e a responsabilidade pessoal e coletiva de anunciar o

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 03 de outubro de 2017 e aprovado em 12 de abril de 2018 com base na avaliação dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Tem uma especialização na área de Liderança e Gestão de Pessoas pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, um mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e um mestrado em Teologia Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. É Doutorando em História pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Trabalha como Pastor na Igreja Batista Emanuel, como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira e é membro da Comissão Consultiva da Revista Ensaios Teológicos da Faculdade. E-mail: [dinho@batistapioneira.edu.br](mailto:dinho@batistapioneira.edu.br).

<sup>3</sup> Formada em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e Pós-graduanda em Aconselhamento Pastoral pela UMESp. E-MAIL: [merlisesantos@yahoo.com.br](mailto:merlisesantos@yahoo.com.br).

Evangelho, onde o senhorio de Cristo ainda não penetrou. Para tanto, Deus convoca a igreja para trabalhar nessa missão e lhe concede um poder especial, que é a sua constante presença através do Espírito Santo. A igreja é convidada a participar da obra missionária de Deus no mundo, chamada de *Missio Dei*.<sup>4</sup> Essa missão é sinônimo de incumbência e denota a tarefa pela qual a igreja é chamada para o cumprimento da vontade de Deus.

**PALAVRAS-CHAVE:** Missão; discípulo; Jesus; Igreja.

## ABSTRACT

This research evokes the missions of each christian and thereafter the church's mission based on Jesus command to preach the gospel to all nations and to promote his Kingdom of justice and peace. God's purpose to establish the church in the world as a living witness of his love, is justified by the word: mission. Doing missions is to understand the commitment, personal and collective responsibility to proclaim the Gospel where Christ's lordship has not yet been announced. Therefore, God calls the church to work on this mission granting it a special power, which is His permanent presence through the Holy Spirit. The church is invited to participate in the missionary work of God in the world, called *Missio Dei*. This mission is synonymous with responsibility and denotes the task for which the church is called to fulfill God's will.

**KEYWORDS:** Mission; disciple; Jesus; church.

## INTRODUÇÃO

Uma correta interpretação da teologia cristã de missões tem início com o entendimento adequado da dependência que o ser humano tem de Deus em relação ao chamado individual e coletivo. Mas, se existe uma *Missio Dei*, onde cada indivíduo se encaixa, que chamado/missão é esta que Deus deu para a igreja a partir de cada indivíduo? Qual a ligação do cristão com essa missão de todos em cada um? Estes são questionamentos que se procurará responder ao longo deste trabalho.

---

<sup>4</sup> *MISSIO DEI* é uma expressão de raiz latina que começou a ser usada a partir de 1932 na Conferência Missionária de Brandemburgo, Alemanha. Tornou-se um paradigma missiológico para a igreja contemporânea. Entre outras implicações, o termo *MISSIO DEI* diz que Deus é pessoal e com características particulares. FERNANDES, Tomé A. *Igreja, missão e missões*. Rio de Janeiro: UFMBB, 2014, p. 14.

O termo “missão” deriva do Latim “*mitto*” que significa “*enviar*”. O Novo Testamento apresenta missão como “*apostello*” e pode-se destacar que só existe missão porque Deus ama o mundo e tem interesse em se relacionar com o homem reconciliado. A missão engloba todo o trabalho da igreja e pode ser enfatizada em três dimensões: a igreja, o discípulo e a comunidade.

## 1 A *MISSIO DEI* E A IGREJA

A igreja existe necessariamente por causa de Deus. Ela precisa ser uma comunidade de constante louvor e adoração pela obra criadora de Deus e redentora de Jesus. A razão da existência da igreja é a adoração, baseada no amor à Deus, tendo como objetivo a divulgação e glorificação do Seu poderoso nome, Seus propósitos e princípios.<sup>5</sup> Seu propósito é cumprir as ordens de Jesus, preparando servos conscientes, em atitude de submissão à Deus, e capazes de transmitir o privilégio de adorar. Esta adoração caracteriza um dos aspectos da *Missio Dei* para a igreja.

A adoração pode ser externada de diversas formas: pela leitura da Palavra de Deus, cantada, através de orações e meditações, visando à valorização do caráter de Deus, e, com isso, proporcionando uma reação em cadeia, produzindo no adorador um coração grato de tal maneira a abranger toda a igreja. Jesus afirma que “está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade”.<sup>6</sup> Mas o grande desafio para todo o cristão é encontrar uma definição de adoração, pois muitos acreditam que adoração se refere ao simples fato de estar presente no culto. Segundo o dicionário da Bíblia

---

<sup>5</sup> SEVERA, Zacarias A. *Manual de teologia sistemática*. Curitiba: AD Santos, 1999, p. 403.

<sup>6</sup> EDITORA VIDA, *Bíblia de estudo NVI*. São Paulo: Vida, 2003, p. 1795.

[...] apesar de haver vários sentidos específicos para a adoração na Bíblia, o sentido básico é o de “serviço”. As palavras *bhōdhâ* (hebraico) e *latreia* (grego) têm como significado original o trabalho dos escravos ou empregador. Os senhores recebiam “adoração” de seus servos quando estes se prostravam diante deles e reconheciam sua superioridade.<sup>7</sup>

Basden complementa, afirmando que a adoração a Deus conduz a uma verdadeira declaração da supremacia incontestável de Deus na vida do cristão, como consequência, ele reconhece a Sua autoridade, e aceita da mesma forma a autoridade de outras pessoas, demonstrando obediência, ou seja, a adoração envolve indivíduos, suas expectativas, mas tem relação direta com a vida e o caráter de Deus.<sup>8</sup> A adoração requer algumas condições: o adorador reconhece na totalidade a sua submissão ao Senhor e condiciona a adoração somente a Deus. Esse relacionamento existe desde o princípio com a criação da humanidade, desenrola-se até o Novo Testamento, e chega aos dias de hoje, sendo usado inúmeras vezes para a interligação entre Deus e os homens. É uma entrega de maneira integral do ser humano a Deus, podendo experimentar uma transformação no caráter, emoção, vontade, corpo e alma.<sup>9</sup> Em outras palavras, a igreja experimenta o viver em comunidade que pode se entender como uma das dimensões da missão de Deus, na medida em que entende a comunhão como a prática do amor e a marca que a distingue. Aí transparece uma segunda marca da *Missio Dei* para a igreja.

A comunhão se constitui como a melhor forma promover o crescimento entre os cristãos. A palavra de Deus é muito clara quando se

---

<sup>7</sup> DOUGLAS, J. D. *Novo dicionário da Bíblia*. Trad. João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 35.

<sup>8</sup> BASDEN, Paul. *Estilos de louvor: descubra a melhor forma de adoração para a sua igreja*. Trad. Emerson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2000, p. 21.

<sup>9</sup> HUSTAD, D. P. *Jubilate! A música na igreja*. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 84.

refere a ela, pois sem uma interação entre irmãos, é impossível a expansão do Reino de Deus.<sup>10</sup> Para isto, a igreja é o plano que Deus usa para pôr em prática esse modelo. A igreja é formada por diversos tipos de pessoas, com diferentes pensamentos e modos de ação, mas o que deve imperar é a unidade e a multiformidade dos seus membros.<sup>11</sup>

Manter a comunhão, não é tarefa fácil. Sem o envolvimento e o amor isso se torna inviável. Esse é o princípio básico para que a comunhão se torne algo real. Manter a comunhão é compartilhar experiências reais vividas, e estar aberto a aprender algo diferente, aplicando na sua vida, com o objetivo de auxiliar o crescimento espiritual dos irmãos e cumprir a vontade de Deus para a igreja. Só pode existir este tipo de comunhão mediante regras e disciplina clara, o que também é *Missio Dei*.

Muitas pessoas associam a palavra disciplina a um mero sistema de regras, aplicado de forma bruta e opressora. Mas a disciplina faz parte das Escrituras, e na falta dela a igreja corre sérios riscos. Desde o princípio da humanidade, Deus foi muito claro e específico com relação às ordens dadas, ou seja, elas servem para que o homem ande pelo caminho certo, tenha uma vida correta diante de Deus e mantenha distância do pecado. A disciplina é uma necessidade, ou um meio pelo qual a ordem é mantida.<sup>12</sup> Na igreja não deve ser diferente, para que haja um crescimento saudável, é necessário que ela seja aplicada de forma a expressar o amor de Deus também através da disciplina.

---

<sup>10</sup> SCHWARZ, Christian A. *Aprendendo a amar: a revolução do coração*. Trad. Fred R. Bornschein. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998, p. 111.

<sup>11</sup> WEYEL, Hartmut. *Meu sonho de igreja: características da igreja de Jesus Cristo, estruturas bíblicas e perfil moderno*. Trad. Werner Fucks. Curitiba: Evangélica Esperança: 2003, p. 63.

<sup>12</sup> BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 277.

Segundo Severa, a palavra surge do latim e tem por significado a instrução.<sup>13</sup> A missão da igreja tem por propósito a promoção do desenvolvimento do caráter de seus membros de maneira que eles possam alcançar o nível de maturidade cristã a partir da instrução.<sup>14</sup>

A instrução que o cristão que segue a Cristo deve receber não é ganha por revelação mística. Pelo ministério da palavra lida e pregada, pela exortação e exemplos de detentores do poder na igreja local, sendo o pastor, os dirigentes da escola bíblica, e os membros destacados que mais influenciam seu pensamento e prática cristãos, o recém- convertido adota hábitos tradicionais de sua comunidade.<sup>15</sup>

Desta forma é esclarecida a união existente entre a disciplina e a instrução, e sem dúvida, a partir dessa junção, a igreja será capaz de atingir seus propósitos da *Missio Dei*. Além da instrução, a disciplina tem a intenção de convencer o indivíduo de seu erro, usando métodos específicos, manifestando o fruto do Espírito.<sup>16</sup> A partir dela o cristão é capaz de fazer uma autoanálise de sua vida, reconhecer o erro, passar a ter uma nova visão e mudar. A disciplina é uma forma de compromisso firmado, onde o discípulo e o discipulador passam a estar em conformidade de opiniões e um meio de prevenção. Ela deve acontecer antes da correção, de forma a ajudar no processo de desenvolvimento do cristão, tornando-o capaz de tomar decisões coerentes e, dessa forma, preparar o discípulo para a sua missão.

Mas a *Missio Dei* para a igreja começa no indivíduo, embora se fale dela geralmente no aspecto coletivo primeiramente.

---

<sup>13</sup> SEVERA, Zacarias Aguiar. *Manual de teologia sistemática*. Curitiba: AD Santos, 1999, p. 387.

<sup>14</sup> SOBRINHO, João Falcão. *A túnica inconsútil: um estudo sobre a doutrina da igreja*. Rio de Janeiro: JUERP, 1998, p. 127.

<sup>15</sup> SHEDD, Russell P. *Disciplina na igreja*. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 14.

<sup>16</sup> EDITORA VIDA. *Bíblia de estudo NVI*. Org. Kenneth Barker; Co-org. Donald Burdick. São Paulo: Vida, 2003, p. 2013.

## 2 A *MISSIO DEI* E O DISCÍPULO

Em se tratando de missões, a ordem de Jesus é clara ao convocar cada discípulo para anunciar seu Evangelho por todo o mundo, pregando para todas as nações e promovendo Seu Reino entre todos os povos. Sua convocação é baseada na promessa de Sua presença constante. É impossível fazer da missão uma realidade de vida sem a atuação do poder de Deus, através do Espírito Santo. O Espírito Santo é quem dá o direcionamento, motivação, e leva a igreja a cumprir seus propósitos missionários. Diante dessa missão, o papel do cristão no mundo de hoje é fundamental, e sua responsabilidade pesa sobre seus ombros. Blauw afirma que “Missão é a convocação da Soberania de Cristo”.<sup>17</sup>

Segundo Stott “Jesus fez mais do que traçar um paralelo vago entre sua missão e a missão do cristão. Precisa e deliberadamente, ele fez de sua missão um modelo para a nossa, dizendo: ‘assim como o Pai me enviou, eu também vos envio’”.<sup>18</sup> O dicionário Web apresenta uma definição de missão: “ato de enviar ou ser enviado; encargo, incumbência, desempenho de um dever; negociação diplomática; sermão ou série de sermões destinados a avivar a fé; local onde se estabelecem missionários”.<sup>19</sup> Portanto, missão é algo pessoal e diz respeito a todos aqueles que servem a Jesus.

Esta missão pessoal, uma parte da *Missio Dei*, é representada pela multiplicação de discípulos. O termo discípulos foi muito usado por Jesus para identificar seus seguidores. Discípulo é um aluno ou seguidor, aquele que se submete aos ensinamentos de alguém, que trilha os mesmos caminhos,

---

<sup>17</sup> BLAUW, Johannes. *A natureza missionária da igreja*. São Paulo: ASTE, 2012, p. 109.

<sup>18</sup> SSTOTT, John. *A missão cristã no mundo moderno*. Trad. Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 27.

<sup>19</sup> *DICIONÁRIO de Português online*. Disponível em: <<http://www.webdicionario.com/missao>>. Acesso em: 24 set. 2014.

que usa as mesmas ideias do mestre. Ele procura conhecer, praticar e aplicar o mesmo modo de vida e a filosofia de vida do seu senhor. Solonca descreve o discípulo como alguém que está “disposto a deixar-se moldar tanto por seus pensamentos quanto por suas ações”.<sup>20</sup>

“Jesus chamou os doze discípulos e lhes deu poder e autoridade para expulsar todos os demônios e curar doenças. Então os enviou para anunciarem o Reino de Deus e curarem os doentes” (Lucas 9.1,2).<sup>21</sup> O verdadeiro discípulo está interessado no aprendizado constante, está atento aos acontecimentos a sua volta, tendo seu mestre como modelo. Ele deseja ampliar seus conhecimentos e acima de tudo desenvolver seu caráter e sua mente. Aguilera apresenta o discípulo como aquele que é ensinado, treinado para alcançar outras pessoas fazendo com que obedeçam todas as ordens que o mestre ensinou.<sup>22</sup> A maior virtude do discípulo é a obediência. Jesus demonstra essa obediência desde seu nascimento até a morte: “E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz!” (Filipenses 2.8).<sup>23</sup>

Em Mateus 28.18-20, Jesus sabendo que seria a última vez que estaria junto com seus discípulos, deixa sua ordem final: “[...] portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo que eu lhes ordenei”.<sup>24</sup> Seu mandamento é claro “vão e façam discípulos”, isto é, ensinem outras pessoas a obedecer às ordens de Jesus, andem com elas, acompanhem suas vidas até o amadurecimento de seu caráter, a fim de que sejam capazes de gerar mais seguidores.

---

<sup>20</sup> SOLONCA, Paulo. *Manual do discípulo*. Florianópolis: Discípulo, 1993. p. 27.

<sup>21</sup> SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Bíblia NTLH*. São Paulo: SBB, 2005, p. 57.

<sup>22</sup> AGUILERA, J. M. *Dinamizando a igreja para cumprir a grande comissão*. São Paulo: Abba Press, 1995. p. 17.

<sup>23</sup> SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. *Bíblia Sagrada: português-inglês*. São Paulo: Vida, 2003, p. 1319.

<sup>24</sup> SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL, 2003, p. 1131.

Se a missão é a razão da existência de algo ou papel desempenhado por alguém, cada cristão tem uma razão de ser e um papel a desempenhar. No entanto, o que se pode ver é um pequeno envolvimento dos membros das igrejas. Por acreditarem que fazer discípulos é obra da igreja e do pastor se isentam dessa responsabilidade, sem perceber que a igreja são os membros. Essa responsabilidade está erradamente sob os ombros do líder e da liderança, quando deveria pesar sobre cada um. Essa é uma das barreiras da missão.

O século XXI é marcado como a era da tecnologia, computadores ultra-velozes, internet sempre à mão nos celulares, aumento significativo de redes sociais, que promovem uma comunicação rápida e eficaz. No entanto, o que se pode ver são pessoas cada vez mais cansadas para a missão de Deus, porém, pró-ativas e inclinadas para as novidades do mundo tecnológico. É bem verdade que a Palavra de Deus pode e deve ser instrumentalizada por esses meios de comunicação, mas, muitas vezes as redes sociais tem sido um obstáculo para a missão de Deus. Um empecilho, no sentido que as pessoas passam horas a fio, ocupados na frente do computador e se esquecem da sua missão. A missão é particular e um desafio para cada cristão que entendeu o sacrifício de Jesus na cruz e que acredita que “esse agir só pode ser salvador”.<sup>25</sup> O “eu” está intimamente ligado a missão, como cooperador, participante e incansável, naquela que é a obra continuada de Deus, na “ideia urgente de que somos cooperadores de Deus”.<sup>26</sup>

Existe um abismo entre alguém comprometido com a obra missionária e alguém envolvido com ela. À primeira vista parecem palavras parecidas, porém seus significados são totalmente opostos. Uma pessoa comprometida é, segundo Cabral:

---

<sup>25</sup> ZWETSCH, R. E. *Missão com paixão*: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p.89.

<sup>26</sup> ZWETSCH, 2008, p. 91.

alguém disposto a assumir um compromisso. Estar comprometido é fazer não apenas a sua parte, mas contribuir para que toda a equipe tenha um resultado positivo. É ser participativo. Ir além das expectativas do seu chefe. Um profissional que é comprometido e altamente engajado no que se propõe a fazer é sente-se motivado para que possa “mergulhar” no trabalho, se entregando de corpo e alma, e assim, apresenta resultados mais do que esperados.<sup>27</sup>

Já o envolvido, é alguém que aparenta fazer parte do grupo, porém é alguém que quando pressionado, mostra realmente quem é. A Bíblia apresenta os dois modelos de pessoas. Mas, ao pensar em alguém envolvido, logo emerge no pensamento a vida de Judas. Alguém que andou ao lado do seu mestre, teve todas as oportunidades para apresentar a mensagem da salvação, e vive-la na íntegra, contudo, seu coração não estava comprometido com o coração do mestre. Sua vida foi um desastre e seu fim é conhecido. Seu “simples” envolvimento lhe custou o Reino dos céus. Não basta estar apenas envolvido, é necessário sim, estar comprometido com a obra, a *Missio Dei*, de multiplicar discípulos.

Mas ao fazer discípulos ajudo a igreja a desenvolver a sua missão e também comunico algo para a comunidade. O efeito vai além de mim e do corpo místico de Cristo. Todos recebem quando cada um realiza a sua missão!

### **3 A MISSIO DEI E A COMUNIDADE**

Não há dúvidas de que há um quadro social que cerca a igreja e para o qual ela deve apresentar respostas. O detalhe é que as respostas precisam ir na direção das necessidades e ao mesmo tempo evidenciarem

---

<sup>27</sup> CABRAL, E. Você está comprometido ou envolvido com sua empresa? Disponível em: <<http://www.lemeconsultoria.com.br/v3/voce-esta-comprometido-ou-envolvido-com-sua-empresa/>>. Acesso em: 30 set. 2014.

o referencial distintivo que a igreja representa no meio da comunidade. Em outras palavras, a igreja precisa auxiliar as pessoas, porém com metodologias diferentes das que a própria sociedade usa, porque os objetivos são maiores. A Igreja Primitiva pode ser usada como padrão, porque as ações que ela tomou beneficiaram a população e foram ao mesmo tempo distintas daquilo que o governo ou a sociedade romana realizavam.<sup>28</sup>

Um possível ponto de partida para a compreensão desta dimensão está em se entender a diferença entre Serviço Social e Ação Social.<sup>29</sup> Pelo Pacto de Lausanne, serviço social implica em socorrer o ser humano em suas necessidades, por meio de ações filantrópicas, buscando a partir delas

---

<sup>28</sup> LESSA, Hécio da Silva. *Ação social cristã*. Movimento “Diretriz Evangélica”. Rio de Janeiro: Guanabara, [199?], p. 41-42.

<sup>29</sup> Nos idos do escravagismo, alguns cristãos, sensibilizados com os escravos castigados e violentados no pelourinho, resolviam ajudá-los com água, pão ou tratamento de suas feridas. Aquela atitude nobre, que não se relacionava com as causas da escravatura e mantinha o escravo na mesma situação, exemplifica o que se pode chamar de Assistência Social. Na assistência social existe compaixão e manifestações práticas dessa compaixão. Existe coragem para, mesmo numa ínfima proporção, confrontar o erro, mas não existe transformação histórica, o escravo continuará sendo escravo e permanecerá sofrendo no pelourinho, esperando que uma alma caridosa venha cuidar de suas necessidades mais urgentes. Outros cristãos, com uma visão mais aberta, mais ampla, vão além da assistência. De alguma forma, buscam assegurar a liberdade do escravo, através de levantamento de recursos para que ele seja comprado e libertado. Buscar-se-ão mecanismos para que o liberto encontre um trabalho e possa sobreviver nessa nova condição. Esse tipo de atitude, por mais louvável que seja, pode ser chamado de serviço social. O problema neste tipo de ação, conquanto o senso de misericórdia tenha ultrapassado em muito a assistência social, pois neste caso se conseguiu a liberdade e um meio de subsistência do livre, é que de fato não operou aqui uma transformação histórica. Resolveu-se o problema de um escravo, mas a escravidão continuará a passos rápidos atingindo a outros e estes continuarão a ser espancados, levados ao pelourinho e muitas vezes violentados até à morte. Alguns cristãos lançar-se-ão na luta contra a escravatura, para que se elimine definitivamente a opressão sobre o ser humano. Ação esta verdadeiramente eficaz, pois as estruturas serão alcançadas, a instituição escravagista será afetada significativamente. Agora sim, a possibilidade de uma transformação histórica se avizinha. Tal atitude pode ser chamada de ação social. LESSA, Hécio da Silva. *Missão da igreja e responsabilidade social*. Movimento “Diretriz Evangélica”. Rio de Janeiro: Guanabara, [199?], p. 76-77.

atingir também a família através de obras de caridade. Já ação social implica em ir além. Nela busca-se eliminar as causas das necessidades através de atividades políticas e econômicas que buscam transformar as estruturas da sociedade, promovendo justiça.<sup>30</sup> Grande parte das igrejas evangélicas brasileiras que dizem praticar a ação social, não passaram de mero assistencialismo.

O assistencialismo tem o seu valor, mas está muito longe de ser uma ação integral da igreja e beira um desencargo de consciência: foi entregue uma cesta básica a uma família que passava fome a dias e com isso a igreja cumpriu a sua tarefa social naquele ano. Agir desta forma é promover ajuda como a sociedade promove, sem transformação maior e sem envolvimento afetivo.<sup>31</sup>

Há ainda um outro desafio a ser encarado pela igreja: como relacionar evangelismo e ação social? Um equilíbrio entre ações práticas e a pregação sempre foi um dos grandes desafios da igreja. O liberalismo teológico, influenciado pelas dimensões sociológicas dos séculos XIX e XX enalteceu a responsabilidade social em detrimento do evangelismo. A Teologia da Libertação<sup>32</sup> emerge deste meio, e igrejas cristãs, que nem mesmo conhecem esta teologia, vivem pelo social apenas. A salvação foi reduzida a esfera terrena e carnal, sem perspectivas escatológicas.<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup> STOTT, 1983, p. 38.

<sup>31</sup> QUEIROZ, 1991, p. 49-54.

<sup>32</sup> A Teologia da Libertação tem seu início na década de 60 e ganha força com a 2ª conferência do CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín e com o lançamento da obra *Teologia da Libertação* de Gustavo Gutiérrez. Atualmente é uma teologia com diferentes ramificações e expressões. Leonardo Boff, um dos grandes articuladores da TdL, definindo a mesma, destaca que ela “procura articular uma leitura da realidade a partir dos pobres e no interesse pela libertação dos pobres; em função disso, ela utiliza as ciências do homem e da sociedade, medita teologicamente e postula ações pastorais que ajudem o caminho dos oprimidos. Sua base soteriológica enfatiza o aspecto social. In.: GIBELLINI, R. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 347-48.

<sup>33</sup> PADILLA, 2009, p. 63-67.

Este tipo de comportamento reflete o secularismo. Uma visão imediatista e utilitarista para os problemas do contexto. Nesta esfera, mesmo acreditando em Deus, o ser humano age no mundo de acordo com a sua própria vontade. “Nosso secularismo cristão se dá precisamente quando, tendo o mandato para exercer os princípios de Deus na terra acabamos por evitá-lo; quando amamos a terra por si mesma, e a causa desta luta”.<sup>34</sup>

Além disso, esta visão reflete uma eclesiologia muito pobre onde a igreja recebe a atribuição que cabe ao Estado. A igreja não é uma organização política<sup>35</sup> e nem mesmo uma sociedade de reforma social. Seu compromisso é com a missão de Deus que compreende também a restauração social, mas não o social pelo social e sim a transformação de vidas por meio do Evangelho de Jesus Cristo para o impacto social. É dever do Estado, que também tem condições para isso, promover a justiça social. Ele tem a seu favor as leis, a autoridade para fazer as leis serem cumpridas e os recursos. A igreja não tem condições financeiras para isso, mas cobra do Estado e auxilia o Estado através da transformação de vidas que agem de forma justa.<sup>36</sup> Procurar mudar o mundo no restrito aspecto social é assumir o papel da sociedade.

Não pode haver confusão das funções, mas complementariedade. A igreja tem como ministério principal dar “testemunho da ressurreição de Jesus Cristo, e o reino de Deus se configura na igreja na medida em que ela ‘supera a solidão do homem com o milagre da confissão e do perdão’ e faz visível a ‘nova comunidade do mundo da ressurreição’”;<sup>37</sup> já o Estado tem como ministério “reconhecer e preservar ‘a ordem da manutenção da vida’

---

<sup>34</sup> PADILLA, 2009, p. 70.

<sup>35</sup> STOTT, John R. W. *O cristão em uma sociedade não cristã*. Trad. Sileda S. Steuernagel. Niterói: Vinde, 1991, p. 30-31.

<sup>36</sup> NOGUEIRA, Alcides. *O “evangelho social” e a igreja de Cristo*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1965, p. 121-125.

<sup>37</sup> PADILLA, 2009, p. 72-73.

e o reino de Deus se configura no Estado na medida em que ele “se sabe responsável por guardar este mundo do seu desgarramento e de converter sua autoridade em garantia contra a aniquilação da vida”.<sup>38</sup>

Há os que consideram a ação social como sendo o oposto do evangelismo e diante de sua falta de esperança de mudança na situação do mundo, influenciados pela sua forma de olhar a escatologia, consideram que a única ação que compete a igreja é salvar os indivíduos na esfera do porvir. Talvez nesta dimensão se encaixe boa parte das igrejas evangélicas da atualidade, que mediante a sua teologia dicotomizada, pensam em salvar apenas a alma do ser humano.

Algumas igrejas são completamente contra a ação social e, por causa do medo do liberalismo teológico, da Teologia da Libertação e da influência política do socialismo, veem a ação social como uma traição do evangelismo.<sup>39</sup>

O não envolvimento social revela também uma atitude mundana e não eclesial. É a visão do *laissez-faire* característico da sociedade sem Deus que deixa as coisas como estão para ver como ficam. Com o discurso de tolerância, desenvolve-se uma apatia e indiferença crescente. É o contentamento com o mínimo, sem a preocupação de uma ação mais ampla e mais profunda.<sup>40</sup>

Na tentativa de conciliar, há várias propostas aceitas: *a) ação social como evangelismo*, trazendo a obrigatoriedade de se negar a evangelização num contexto em que não houve a ação social;<sup>41</sup> *b) a ação social como um meio para o evangelismo*, servindo como um atrativo para as pessoas, o que de certa forma prefigura uma propaganda enganosa, pois o objetivo

---

<sup>38</sup> PADILLA, 2009, p. 72-73.

<sup>39</sup> ROCHA, 2003, p. 36-37.

<sup>40</sup> STOTT, 1991, p. 75-77.

<sup>41</sup> NASCIMENTO FILHO, 1999, p. 28.

não é promover assistência, mas lotar as igrejas;<sup>42</sup> c) *a ação social como uma manifestação do evangelismo*, dando a entender que através da ação estão evangelizando, colocando a proclamação em segundo plano;<sup>43</sup> d) *a ação social como resultado ou consequência do evangelismo*, mostrando que um verdadeiro salvo se volta para o serviço aos outros, como uma espécie de evidência da salvação, o que se sabe que é incompleto e colocaria em dúvida a salvação de muitos cristãos que nunca se envolveram com questões sociais;<sup>44</sup> e) *a ação social como parceira do evangelismo*, tendo como base de pensamento que as duas precisam ocorrer sempre em conjunto, sem levar em conta a realidade na qual se trabalha e muito menos os dons e habilidades de quem está no trabalho;<sup>45</sup> f) *a ação social e evangelismo como sendo igualmente importantes*, o que não resolve problema nenhum, mas pelo contrário, causa maior confusão diante do questionamento de qual delas deveria vir antes; e g) *a ação social como parte da proclamação do Evangelho*, mostrando que a tarefa da igreja é a proclamação do Evangelho que compreende a totalidade do ser humano e tudo o que existe ao seu redor. Esta última corresponde mais com a realidade que deveria ser praticada e dá um verdadeiro direcionamento à tarefa da igreja através do indivíduo primeiramente.<sup>46</sup>

É importante destacar que a evangelização pode ter prioridade na missão integral da igreja, conforme a ênfase de Lausanne. Mas ela não será bem-sucedida sem o equilíbrio na missão integral da mesma. “Uma comunhão patológica, uma edificação anêmica, um culto festivo e vazio e

---

<sup>42</sup> ROCHA, 2003, p. 37.

<sup>43</sup> NASCIMENTO FILHO, 1999, p. 29.

<sup>44</sup> ROCHA, 2003, p. 38.

<sup>45</sup> STOTT, John R. W. *Cristianismo equilibrado*. Trad. Lourenço Vieira. Rio de Janeiro: CPAD, 1982, p. 58-62.

<sup>46</sup> ROCHA, 2003, p. 38-40.

uma ação social ausente geralmente resultam numa elefantíase evangelística e numa inchação das igrejas”.<sup>47</sup>

Nesta visão de relação entre a ação social e o evangelismo a ação do indivíduo ganha força por destacar a proclamação. Esta visão combate a constante e crescente terceirização da dimensão social da igreja através das instituições sociais criadas e o constante desgaste na manutenção das mesmas, sem contar os empecilhos impostos pela sociedade que muitas vezes restringem a proclamação do Evangelho e que, portanto, se tornam de certa forma, infrutíferas quando analisadas em seu escopo geral. Há uma crescente terceirização do compromisso cristão e as instituições sociais criadas contribuem para que os cristãos deixem de fazer o que devem fazer achando que fazem por enviarem uma doação à uma destas organizações.<sup>48</sup>

“O ponto de partida de nossa responsabilidade social é a identificação”<sup>49</sup> com as questões sociais que cercam cada cristão. Esta foi a forma da ação de Jesus: Ele encarnado visitou a terra. Enquanto cada cristão não tiver contato com a demanda social que o cerca, ele não saberá o que é ser socialmente responsável. As instituições sociais tiram dos cristãos este contato e fazem com que os mesmos fechem cada vez mais os seus olhos para as demandas que existem à sua volta. Sem identificação não há empatia e nem mesmo ação social, e até mesmo a dimensão da terceirização da ação social acaba sendo comprometida pela falta de incentivo financeiro daqueles que não sentem o que os outros à sua volta passam.<sup>50</sup>

---

<sup>47</sup> GRELLERT, Manfred. *Os compromissos da missão: a caminhada da Igreja no contexto brasileiro*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: JUERP/Mundo Cristão, 1987, p. 73-74.

<sup>48</sup> TEIXEIRA, Carlos Flávio. *Repensando a religião: debates sobre teologia*. São Paulo: Unaspres, 2011, p. 153-177.

<sup>49</sup> PADILLA, René. *Evangeliohoy*. Buenos Aires: Certeza, 1975, p. 82-88.

<sup>50</sup> PADILLA, 1975, p. 82-88.

A não identificação com todas as estratégias da sociedade deve ser uma meta social da igreja. O não envolvimento social, ou o desenvolvimento de ações sociais apenas, ou ainda a terceirização da dimensão social são estratégias da comunidade não cristã. Ressalta-se aqui a importância da diaconia pessoal.<sup>51</sup> O próprio termo usado para a palavra ministério (diaconia) significa serviço. “O ministério não se define por si mesmo, define-se por seu papel na Igreja, pelo serviço que presta a todo conjunto, por sua ‘função’”. “O termo função designa “a ação, o papel característico de um elemento, de um órgão, num conjunto” e aponta para um trabalho que os ministros têm. A própria metáfora do corpo, usada para representar a igreja, mostra que cada membro tem a sua função, e por isso pode ser considerado um ministro. “Num corpo, o bom desempenho de uma função assegura a saúde do corpo, seu desenvolvimento harmonioso”. O mesmo acontece quando os membros entendem que têm uma função a cumprir. Não é a ação da totalidade que é enfatizada, mas a ação de cada parte mediante o uso dos dons concedidos.<sup>52</sup>

Em outras palavras, pode-se dizer que Deus deu certo serviço a cada cristão, e lhe concedeu dons sobrenaturais que o capacitem a realizar esta tarefa. Ressalta-se ainda, que se o ser humano recebeu uma tarefa e todas as condições para executá-la, ele terá que prestar contas pelo que fez ou realizou. A igreja funciona como a multiplicadora de energia ao juntar todos estes dons em prol da mesma causa, e o mundo inteiro ganha com isso. A Bíblia ensina que um dia todos estarão diante do trono e terão que prestar contas daquilo que fizeram, da forma como utilizaram seus dons (2Co 5.10).<sup>53</sup>

---

<sup>51</sup> STOTT, 1982, p. 46-48.

<sup>52</sup> LEMAIRE, André. *Os ministérios na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 100-107.

<sup>53</sup> GRAHAM, Billy. *O poder do Espírito Santo*. Trad. Hans UdoFuchs. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 132.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cumprir com a missão é tarefa da igreja sim, mas é muito mais a missão de cada um. É uma ordem deixada por Jesus que deve ser obedecida em sua totalidade. A preocupação com a salvação integral dos perdidos é a razão da existência da igreja de Jesus Cristo. Com isso cada membro passa a ter uma responsabilidade e um compromisso de cumprir com a missão de fazer discípulos. A vida do discípulo é desafiada a viver em comunhão com Deus, seu caráter é desenvolvido à medida que se assemelha ao seu mestre. Um bom discípulo será capaz de fazer mais seguidores, pois seu compromisso com a ordenança de Jesus é seu estilo de vida. Portanto, a missão do coração de Deus, é o ministério de todos os crentes e a missão de cada um. Não existe a possibilidade de abster-se dessa responsabilidade, pois, o cristão evidencia no decorrer da sua história, a eterna misericórdia de Deus ao mundo, mediante os padrões de ação da *Missio Dei*.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, José Miguel. *Dinamizando a igreja para cumprir a grande comissão*. São Paulo: Abba Press, 1995.
- BASDEN, Paul. *Estilos de louvor: descubra a melhor forma de adoração para a sua igreja*. Trad. Emirson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.
- BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- BLAUW, Johan. *A natureza missionária da igreja: exame da teologia bíblica da missão*. Tradução de Jovelino Pereira Ramos. São Paulo: ASTE, 2012.
- BROWN, Colin; COENEM, Lothar. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982.
- CABRAL, Eliane. *Você está comprometido ou envolvido com sua empresa?* Disponível em: <<http://www.lemeconsultoria.com.br/v3/voce-esta-comprometido-ou-envolvido-com-sua-empresa/>>. Acesso em: 30 set. 2014.
- DICIONÁRIO de Português online*. Disponível em: <<http://www.webdicionario.com/missao/>>. Acesso em: 24 set. 2014.
- DOUGLAS, J. D. *Novo dicionário da Bíblia*. Trad. João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- EDITORA VIDA. *Bíblia de estudo NVI*. Org. Kenneth Barker; Co- org. Donald Burdick. São Paulo: Vida, 2003.
- FERNANDES, Tomé A. *Igreja, missão e missões*. Rio de Janeiro: UFMBB, 2014.
- GANGEL, Kenneth O; HENDRICKS, Howard G. *Manual de ensino para o educador cristão: compreendendo a natureza, as bases e o alcance do verdadeiro ensino cristão*. Trad. Luis Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. 408 p.
- GIBELLINI, R. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.
- GRAHAM, Billy. *O poder do Espírito Santo*. Trad. Hans Udo Fuchs. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- GRELLERT, Manfred. *Os compromissos da missão: a caminhada da Igreja no contexto brasileiro*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Juerp/Mundo Cristão, 1987.
- HUSTAD, Donald P. *Jubilate! A música na igreja*. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- LEMAIRE, André. *Os ministérios na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- LESSA, Hércio da Silva. *Missão da igreja e responsabilidade social*. Movimento “Diretriz Evangélica”. Rio de Janeiro: Guanabara, [199?].
- LESSA, Hércio da Silva. *Ação social cristã*. Movimento “Diretriz Evangélica”. Rio de Janeiro: Guanabara, [199?].

- MARTINS, Jaziel Guerreiro. *Manual do pastor e da igreja*. Curitiba: AD Santos, 2002.
- NASCIMENTO FILHO, Antonio José do. *O papel da ação social na evangelização e missão na América Latina: uma visão contemporânea*. Campinas: LPC, 1999.
- NOGUEIRA, Alcides. *O “evangelho social” e a igreja de Cristo*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1965.
- PADILLA, René. *Evangelio hoy*. Buenos Aires: Certeza, 1975.
- QUEIRÓS, Carlos Pinheiro. *Cristo e a transformação social do Brasil: o compromisso do povo de Deus com os pobres*. Belo Horizonte: Missão, 1991.
- ROCHA, Calvino Teixeira da. *Responsabilidade social da igreja*. Londrina: Descoberta, 2003.
- SCHWARZ, Christian A. *Aprendendo a amar: a revolução do coração*. Trad. Fred R. Bornschein. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998.
- SEVERA, Z. A. *Manual de teologia sistemática*. Curitiba: AD Santos, 1999, 504 p.
- SHEDD, Russell P. *Disciplina na igreja*. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- SOBRINHO, João Falcão. *A túnica inconsútil: um estudo sobre a doutrina da igreja*. Rio de Janeiro: JUERP, 1998.
- SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Bíblia NTLH*. São Paulo: SBB, 2005.
- SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. *Bíblia Sagrada: português-inglês*. São Paulo: Editora Vida.
- SOLONCA, Paulo. *Manual do discípulo*. Florianópolis: Discípulo, 1993.
- STOTT, John. *A missão cristã no mundo moderno*. Trad. Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2010.
- STOTT, John R. W. *O cristão em uma sociedade não cristã*. Trad. Sileda S. Steuernagel. Niterói: Vinde, 1991.
- STOTT, John. *John Stott comenta o Pacto de Lausanne*. Série Lausanne. São Paulo: ABU, 1983.
- STOTT, John R. W. *Cristianismo equilibrado*. Trad. Lourenço Vieira. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.
- TEIXEIRA, Carlos Flávio. *Repensando a religião: debates sobre teologia*. São Paulo: Unaspress, 2011.
- WEYEL, Hartmut. *Meu sonho de igreja: características da igreja de Jesus Cristo, estruturas bíblicas e perfil moderno*. Trad. Werner Fucks. Curitiba: Evangélica Esperança: 2003.
- ZWETSCH, Roberto. E. *Missão com com-paixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.